

ATA DA 003ª SESSÃO ESPECIAL DA
1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 20ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 27 DE MARÇO DE 2023, EM HOMENAGEM À
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO MAURO DE NADAL

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Senhoras e senhores, pediria para que fossem tomando acento para darmos início a nossa sessão desta noite. Uma sessão especial que, em nome de Deus, declaro aberta a presente sessão e convido, desde já, os excelentíssimos senhores Deputados Estaduais Napoleão Bernardes e Marquito para tomar assento à Mesa.

Convido o reverendíssimo senhor Arcebispo de Florianópolis, Dom Wilson Tadeu Jönck;

Convido a excelentíssima senhora Secretária da Assistência Social do município de Florianópolis, Edenice Fraga, que neste ato está representando o excelentíssimo senhor Prefeito do município de Florianópolis, Topázio Neto;

Convido o senhor presidente de honra do Instituto Vilson Groh, o reverendíssimo padre Vilson Groh;

Convido também para tomar assento à Mesa de honra a senhora Secretária da Assistência Social do município de Joinville, Fabiana Cardozo.

Excelentíssimas autoridades, senhoras, senhores, a presente sessão especial foi solicitada por proposição deste deputado, aprovada por unanimidade na Assembleia Legislativa, portanto pelos demais parlamentares, em homenagem à Campanha da Fraternidade de 2023, que traz como tema "fraternidade e fome" e como lema, inspirado em Mateus 14:16 "dai-lhes vós mesmos de comer".

Neste momento, pediria para que todos, em posição de sentido, acompanhássemos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do hino.)

Esta Presidência registra a presença das seguintes autoridades: O pároco da Catedral Metropolitana do município de Florianópolis, reverendo padre David Antônio Coelho; senhor pároco da Paróquia de São Francisco Xavier, bairro Monte

Verde, Florianópolis, reverendo padre José Rufino Filho; senhor Capelão da Polícia Militar de Santa Catarina, tenente-coronel, padre da PM, Valdemar Groh; senhor diácono da Arquidiocese de Florianópolis, Paróquia Bairro Ingleses, Roberto Guilherme da Costa; senhor presidente da Ação Social da Arquidiocese de Florianópolis, diácono Luiz Paulo Campos; senhor presidente da Ação Social da Paróquia da Ponte do Imaruim, município de Palhoça, Edson Carlos de Quadra; senhor e senhora coordenadores arquidiocesanos do Movimento de Irmãos, Luiz Carlos Pereira e Rita de Cássia Lopes; senhora coordenadora geral do Fórum Estadual dos Usuários da Assistência Social-SUAS, de Santa Catarina, Heloísa Alves Soares; senhor coordenador do Serviço Eclesial Apostolado da Oração Arquidiocese de Florianópolis, Nelson Régis; senhora coordenadora da Pastoral da Caridade do município de São José, Noemia Raimundo Alves; senhor Rui da Luz, neste ato representando o gabinete do excelentíssimo senhor Deputado Federal Pedro Uczai; senhora coordenadora do Grupo do Terço das Mulheres da Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem, bairro Saco dos Limões, Elsa Pereira; senhor coordenador do Projeto Reflorestar Para o Futuro, do município de Palhoça, José Valter Pereira; senhor coordenador do Núcleo de Jovem Ambientalista do município de Palhoça, Leonardo Medeiros de Souza; senhora membro representante do Projeto Reconnectando Saberes e Saúde, do município de Palhoça, Eliane Ilda de Carvalho.

Nós teremos, a partir deste momento, a apresentação do vídeo com o Hino da Campanha da Fraternidade de 2023.

(Procede-se à apresentação do vídeo.)

(Palmas) [*Transcrição: Northon*]

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - De imediato, convido para fazer uso da palavra o excelentíssimo senhor Deputado Estadual Napoleão Bernardes.

O SR. DEPUTADO ESTADUAL NAPOLEÃO BERNARDES - Queridíssimo Deputado Padre Pedro Baldissera, proponente idealizador dessa Sessão Especial; querido colega, Deputado Marquito; Arcebispo Dom Wilson;

queridos homenageados, convidados e a todos que nos acompanham nesta noite.

O Salmo 133 nos retrata quão bom e agradável é convivermos como irmãos na unidade da fé. Então, a todos os irmãos e irmãs na fé essa saudação carinhosa para refletir sobre um tema que dói profundamente no coração e na alma: a fome.

A fome impede e proíbe a materialização de todo e qualquer direito humano. Não há materialização à concreção de qualquer direito humano quando a fome ali está. E a humanidade vive um paradoxo, porque no momento de tantas evoluções e revoluções no campo da tecnologia, da economia, da ciência, da pesquisa, da inovação, em que pese tantos e tantos avanços, ainda há o retrocesso da fome. Em que mais de três bilhões de pessoas no mundo não têm dinheiro suficiente para uma alimentação adequada, e mais de setecentas milhões de pessoas no mundo passam fome. É um escândalo, nas palavras do Papa Francisco, e é uma tragédia que envergonha a todos nós como sociedade. O Papa Francisco nos compartilha o seu sonho, o sonho de que pão, água, remédio e trabalho cheguem a todos. Até porque como João 10:10 nos faz refletir: Deus, através do seu filho Jesus, nos veio não só para trazer a vida, mas trazer a vida em abundância. E abundância pressupõe no mínimo o alimento. Em todas as suas dimensões para que possa permitir a realização de todos os seus direitos humanos na sua completude.

Há cinco anos tenho a graça e o privilégio de ser pai. E a graça da paternidade me faz refletir, todos os dias, o quão doloroso deve ser para um pai e uma mãe não ter o pão para ofertar ao seu filho. Que dor, Deputado Marquito, que isso representa para um pai e para uma mãe. Eu sou da área jurídica e eu sempre digo que se nós pudéssemos reduzir a Constituição da República, sintetizá-la ou resumi-la a um único artigo, esse nos bastava. O artigo 1º, inciso III da Constituição da República diz que todos, sociedade, governos e pessoas devem ter a missão de proteger e promover a dignidade da pessoa humana. E a dignidade da pessoa humana inicia por saciar a fome e por compartilhar o pão.

Que esta Sessão Especial possa nos iluminar nas nossas jornadas para que essa mazela triste, vergonhosa e escandalosa da humanidade possa ser superada em todas as suas dimensões. Porque há fome no sentido literal, mas há fome no sentido figurado, e é preciso saciar as pessoas de esperança, de crença em relação a um amanhã que seja mais alvissareiro. Que Deus nos permita, através de muito trabalho, avançar nessa pauta que é primordial para os objetivos do desenvolvimento do milênio, do século, e quiçá possamos atingir esse ideal rumo a 2030.

Muito obrigado, Deputado Padre Pedro, querido amigo, por nos oportunizar esse momento que é de reflexão, mas que nos induz a muita ação e com muitos resultados concretos em favor da sociedade como um todo. Parabéns a todos desde já. Muito obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Feita a manifestação do Deputado Napoleão, na sequência convido o excelentíssimo Senhor Deputado Estadual Marquito para fazer uso da palavra.

O SR. DEPUTADO ESTADUAL MARQUITO - Quero desejar uma boa-noite a todas e todos. Quero cumprimentar o nosso Deputado Padre Pedro Baldissera pela proposição, também o nosso colega Deputado Estadual Napoleão Bernardes; quero cumprimentar Dom Wilson Tadeu Jönck; o Padre Vilson Groh; o Santin, representando os movimentos sociais do MST, e cumprimentar todos e todas pela presença.

Sinto-me muito tranquilo quando encontro colegas, amigos e especialmente militantes e lutadores e lutadoras para garantia do direito humano à alimentação adequada. Ouvindo as palavras do nosso colega Deputado Napoleão Bernardes me pergunto: Como a gente chega em 2023, sendo dois mil e vinte e três anos depois de Jesus Cristo, e ainda temos uma civilização, uma sociedade que aceita e que normaliza que outros irmãos e irmãs passem fome. E não é por falta de comida, de recursos ou por falta dinheiro, muito pelo contrário. É justamente pelo sistema econômico capitalista que a gente vive, que está baseado na concentração de renda e deixa poucos muito

ricos e muitos miseráveis, precisamos fazer uma reflexão.

Quero parabenizar profundamente a Igreja Católica, que coloca o debate da fome no centro da sua principal campanha, mas mais do que isso, colocar também toda a comunidade católica cristã do Brasil para fazer essa grande reflexão. É fundamental. Quero saudar também todos e todas que estão aqui hoje, das pastorais, das comunidades eclesiais de base, das igrejas, dos movimentos sociais da sociedade civil organizada que, durante a pandemia, no momento mais crítico, tiveram ações solidárias da sociedade civil para conseguir combater a fome.

O governo federal extinguiu, no dia 1º de janeiro de 2019, no primeiro ato do ex-presidente Bolsonaro, o Sistema Nacional de Segurança Alimentar Nutricional, acabando com o Conselho Nacional de Segurança Alimentar Nutricional. E a sociedade civil e os movimentos sociais conseguiram, através das suas organizações e as igrejas, garantir o mínimo para a população. Quero dizer que a gente tem que estar pautado justamente na questão de que não existe falta de comida no mundo, não existe falta de recursos no mundo, o que existe é a necessidade de se estruturar uma política onde o alimento é direito e não mercadoria. Onde a comida é direito, onde a terra é direito, onde a casa é direito. Onde ir num centro de saúde é direito, onde encontrar um equipamento de assistência social é direito. E é para isso que a gente tem que lutar, é para isso que a gente tem que colocar a Campanha da Fraternidade neste debate amplo e sistêmico do qual todos nós temos parte disso. E me coloco aqui, enquanto parlamentar, nesse compromisso também.

Hoje nós protocolamos uma proposta de lei para incluir as cozinhas comunitárias e solidárias como instrumentos do sistema de segurança nacional, segurança e soberania alimentar e nutricional. É fundamental compreender isso, e também convidar os senhores deputados, deputadas, a sociedade civil especialmente, as organizações, a igreja para compor o Fórum Parlamentar de Segurança e Soberania Alimentar Nutricional que essa Casa instalará nas próximas semanas.

Quero desejar uma boa noite para todos, que a gente se mantenha firme na garantia, na luta, que não sejamos indiferentes quando estiver alguém passando fome. Que a gente não julgue se aquela pessoa pôde ou não pôde trabalhar, que a gente não julgue aquela mãe se ela pôde ou não pôde dar comida para aquela criança. Que a gente consiga dar um passo à frente. Que a gente exija políticas públicas, que a gente faça a nossa parte, mas que a gente não fique indiferente a essas injustiças.

Parabéns à Igreja Católica que coloca esse debate no centro. Vida longa à Campanha da Fraternidade, e parabéns Padre Pedro pela proposição. Muito obrigado!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Feita a manifestação do Deputado Marquito, eu peço neste momento ao Deputado Napoleão que assuma a condução dos trabalhos para que eu possa fazer a minha manifestação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Napoleão Bernardes) - Com muita satisfação e alegria na condução dos trabalhos nesse momento, portanto eu autorizo a palavra ao deputado proponente, idealizador dessa sessão tão especial, tão significativa para todos nós, nosso queridíssimo Deputado Padre Pedro. O Deputado Padre Pedro está com a palavra.

O SR. DEPUTADO PADRE PEDRO BALDISSERA - Obrigado, excelentíssimo senhor Deputado Estadual Napoleão Bernardes e ao excelentíssimo colega Deputado Estadual Marquito. Ao reverendíssimo senhor Arcebispo de Florianópolis, Dom Wilson Tadeu Jönck; a excelentíssima senhora Secretária de Assistência do município de Florianópolis, Edenice da Cruz Fraga, que nesse ato representa o nosso Prefeito da capital, Topázio Neto; ao senhor presidente de honra do Instituto Vilson Groh, o reverendo Padre Vilson Groh, e a senhora Secretária de Assistência Social do município de Joinville, Fabiana Cardozo.

Senhoras, senhores, aos padres, agentes de pastoral, lideranças dos diferentes movimentos da igreja, a cada um e a cada uma de nós que aqui estamos participando deste momento, da sessão especial que traz presente o tema da Campanha da Fraternidade, Fraternidade e Fome. E antes de

qualquer reflexão, eu quero fazer menção, destacando a coragem e o sentimento incondicional de solidariedade da igreja ao assumir o tema fome nesta campanha. [Transcrição: Taquígrafa Sara]

O uso da palavra escândalo é pedagógico, a palavra define muito bem o que significa uma pessoa não ter comida no Brasil, sendo que o Brasil é um dos maiores produtores mundiais de alimentos. A existência de famílias, tribos e comunidades passando fome em nosso Brasil é um escândalo, é uma tragédia. E ao mesmo tempo também é um projeto, porque a fome não acontece por acaso, ela é fruto da ganância de alguns, da irresponsabilidade de outros e da omissão de muitos. A CNBB, por sua vez, demonstra a sua profunda conexão com a vida do nosso povo, é a terceira Campanha da Fraternidade com o tema fome, e a campanha agora tem outro alcance, porque chamou o mundo todo a agir, e agir em comunhão contra o escândalo da fome. E o mundo ouviu, enviando suporte para o atendimento de pessoas, por exemplo, da tribo Yanomami. Parece inacreditável! Mas estavam morrendo de fome a poucos quilômetros do local onde o ouro de suas terras enriquecia alguns poucos.

A Embrapa diz que a agricultura familiar é responsável por quase 80% da produção dos alimentos consumidos no Brasil. Esse montante, acrescido de apenas uma pequena parte da produção do agronegócio, tem potencial para alimentar 1,6 bilhões de pessoas, e os dados não são meus, são da FAO. E aí nós perguntamos: Como é possível que, produzindo alimentos para o número de pessoas dez vezes maior que a sua população, o Brasil enfrente em 2023 realidade semelhante a da Etiópia nos anos 80, ou então, da lista de países pobres assolados por conflitos armados. Uma das respostas para essa questão pode estar exatamente nesse Brasil de pouco tempo, quando por volta de 1930 uma forte estiagem se abateu sobre a região Nordeste. Desesperadas, com fome e sede, milhares de famílias tentaram chegar às cidades onde conseguiriam água e alimentos. A decisão dos governos da época foi criar áreas de parada, que na verdade eram verdadeiros campos de concentração, onde as famílias eram retidas, elas eram proibidas de seguir viagem para a capital, e nesses locais morriam

vítimas de fome, de sede, e de doenças oportunistas, que mesmo na época tinham como solução apenas o alimento e a água.

Todas as ocasiões em que os poderes públicos negam, impedem, ou se omitem para garantir alimento às pessoas que precisam, nosso país volta a ser aquele Brasil que optou pela fome de muitos para garantir o privilégio de poucos. Um prato de comida e um copo de água, aparentemente tão pouco, naquela época e hoje é o que mobiliza os dias de milhões de brasileiros. Nosso país enfrenta novamente o desafio de acabar com a fome, temos hoje mais de 33 milhões de pessoas passando fome, 14 milhões de pessoas a mais do que foi registrado em 2020. Esses dados são de uma pesquisa conduzida pela Rede Brasileira de Pesquisa e Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, e segundo a própria rede provavelmente a quantidade de pessoas é maior do que os dados apontam. E nossa consciência, como sociedade, precisa assumir o número trágico de 125 milhões de pessoas, de brasileiros, vivendo com algum grau de fome ou insegurança alimentar.

Portanto, nossa consciência como sociedade precisa assumir este número, porque estas pessoas não sabem se poderão comer no dia de amanhã. Só para se ter uma ideia da gravidade, em 1993, tínhamos 32 milhões de pessoas nessa situação de fome, segundo os dados do Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, hoje voltamos para o mapa da fome com um milhão de pessoas a mais do que há 30 anos. Por tudo isto, esta Campanha da Fraternidade é mais do que oportuna, é necessária, porque a fome no Brasil não tem nenhuma relação com a falta de alimentos, o que nos falta é fraternidade, é solidariedade, é organização, e aqui nós cristãos podemos agir.

E, por isso, essa Campanha da Fraternidade nos chama a refletir e agir. A passagem bíblica em João 6:8-13, que fala da multiplicação dos pães e dos peixes, tem um sentido muito oportuno para todos nós neste contexto. E sempre que menciono e falo desta passagem, eu faço a referência do fato de que eram cinco mil pessoas, e em vários trechos fica subentendido que o milagre tenha como fruto a união e a solidariedade daquele povo. Eles reuniram o que

cada um tinha, seus conhecimentos, seus saberes, seu ter, e dividiram, socializaram isto, enfim, saciaram a fome de todos.

Numa sociedade que socializa de forma geral aquilo que tem, que possui, aquilo que é, não há faminto. Talvez a grande lição que Jesus tenha nos deixado neste ponto é que estendendo a mão, dividindo o pão com quem está conosco, estamos também protagonizando o milagre. E é o que nós precisamos, nos dias atuais, fazer com que o milagre possa acontecer. Mas sem despojamento, sem partilha, sem solidariedade não há como superar a fome, porque o alimento se produz pelas mãos calejadas e duras de muitos e de muitas que labutam e trabalham a terra.

Mas, quando a ganância e a concentração de renda é demasiada, infelizmente muitos sofrem necessidades. E, é isto que nós temos que enfrentar. Que essa Campanha da Fraternidade, que a CNBB nos coloca, nos ajude a construir essa sociedade mais fraterna, humana, justa, solidária, e que a gente possa superar essa lacuna tão indesejável, que tem que criar indignação a cada um e cada uma de nós. Muito obrigado!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Napoleão Bernardes) - Agradecendo pelas palavras inspiradoras e que nos levam à reflexão, devolvo a condução dos trabalhos ao Deputado proponente dessa sessão, segundo-secretário da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Padre Pedro Baldissera.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Obrigado excelentíssimo Deputado Napoleão Bernardes.

Neste momento, nós vamos quebrar um pouco o nosso protocolo, tendo em vista que um dos nossos homenageados está com uma viagem marcada, tem que se retirar. Então, vamos passar a fazer as homenagens, a pessoas, entidades, e na sequência vamos dar continuidade também às manifestações. Portanto, eu convido o Mestre de Cerimônia para proceder à nominata dos homenageados desta noite.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS (Henrique Búrigo) - Senhoras e senhores, boa-noite! Nesse momento, o Poder Legislativo catarinense presta homenagem a

pessoas e organizações pelas relevantes ações solidárias de combate à fome, e em prol de uma sociedade mais justa, que coadunam com o tema da Campanha da Fraternidade de 2023, Fraternidade e Fome.

Convidamos os excelentíssimos senhores Deputados Estaduais Padre Pedro Baldissera, Napoleão Bernardes e Marquito para fazerem as entregas das homenagens.
[Transcrição: Taquígrafa Ana Maria]

Recebe a homenagem do Parlamento Catarinense o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, neste ato, representado pelo Dirigente Estadual do movimento, senhor Vilson Santin, que foi Deputado Estadual na 12ª Legislatura.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O Parlamento Catarinense também concede homenagem ao Presidente de Honra do Instituto Vilson Groh, Reverendo Padre Vilson Groh.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe também a homenagem do Parlamento Catarinense o senhor Daniel Paz dos Santos, fundador e responsável pela Casa dos Amigos de Antônio Carlos, neste ato, representado por sua filha Suelen Paz dos Santos.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Por seu comprometimento com as causas sociais, convidamos para receber a homenagem o Jornalista, senhor Edson Amaral, conhecido também como EdSoul.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Por sua atuação em diversos projetos relacionados ao combate à fome, à educação e ao fortalecimento do Sistema Nacional de Segurança Alimentar, no Estado, convidamos para receber a homenagem, neste momento, a senhora Neila Maria Viçosa Machado.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem a fundadora da Cozinha Comunitária do Ribeirão da Ilha, senhora Shira Maciel.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem, neste momento, convidamos a representante dos Usuários da Assistência Social do Conselho Nacional de Assistência Social, senhora Solange Bueno.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem, neste momento, a Ação da Cidadania, neste ato, representada pela senhora Jaqueline Mancheim.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A Assembleia Legislativa de Santa Catarina também concede homenagem à Associação Mães do Frei Damião, neste ato, representada por suas coordenadoras, senhoras Edna de Souza Pires e Lara Cristian Scherer.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O Poder Legislativo Catarinense também presta homenagem à Cáritas Diocesana de Caçador, neste ato, representada por seu Presidente, reverendo Padre Eleandro Hüning.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe também homenagem do Parlamento Catarinense o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo, Cepagro, neste ato, representado pela Diretora-Presidente, senhora Gisa Garcia.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe a homenagem, neste momento, o Centro Vianeí de Educação Popular, neste ato, representado pelo fundador, senhor Antônio Munarim.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem, o Projeto Alimentar, neste ato, representado por sua Presidente, senhora Sarah Lemonie.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O Poder Legislativo Catarinense também concede homenagem à União de Coletivos da Sociedade Civil Rede com a Rua, neste ato, representada pela senhora Ângela Olinda Dalri.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem neste momento, em nome do Restaurante Popular de Florianópolis, convidamos a Secretária de Assistência Social do Município de Florianópolis, senhora Edenice Fraga.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem, em nome do Restaurante Popular de Joinville, a Secretária Municipal de Assistência Social do Município de Joinville, senhora Fabiana Cardozo.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas) [*Transcrição: Taquígrafa Eliana*]

Também recebe a homenagem do Parlamento Catarinense, o programa Mesa Brasil do SESC Santa Catarina, nesse ato representado pela Gerente de Saúde e Assistência do SESC, senhora Jéssica da Luz Pereira Pucci.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Nós agradecemos aos excelentíssimos senhores deputados pela entrega das homenagens. Nossos parabéns às homenageadas e aos homenageados desta noite.

Lembramos que esta sessão está sendo transmitida ao vivo pela TVAL e pelo canal da Assembleia Legislativa no *Youtube*, onde ficará disponível para visualização. Tenham uma boa noite!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Neste momento, após termos realizado as homenagens, convido para fazer uso da palavra o senhor Presidente da Associação Social Arquidiocesana, diácono Luiz Paulo de Campos.

O SR. PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA (Diácono Luiz Paulo de Campos) - Excelentíssimo senhor Deputado Padre Pedro, excelentíssimo Deputado Napoleão Bernardes, excelentíssimo Deputado Marquito. Senhoras Secretárias de Assistência Social de Florianópolis e Joinville. Reverendíssimo Arcebispo Metropolitano Dom Wilson Tadeu Jönck, reverendíssimos padres, diáconos, caríssimos seminaristas, queridas lideranças, coordenadores de pastoral e movimentos de serviços da

nossa Arquidiocese de Florianópolis, senhores e senhoras.

Nós queremos apresentar um pouquinho daquilo que é o trabalho da Ação Social Arquidiocesana. E também apresentar a ação social para aqueles que nos ouvem, aqueles que nos veem e também para vocês que aqui estão e que ainda não a conhecem. Nós somos o braço social da Arquidiocese de Florianópolis e procuramos desenvolver um trabalho, sobretudo na suplantação daquilo que é a fome, a miséria, as dificuldades que enfrentam o nosso povo, sobretudo o povo que está instalado aqui no território da nossa arquidiocese.

No segundo *slide* podemos ver que a ação social arquidiocesana, também conhecida por ASA, é uma associação civil sem fins econômicos. É um organismo da Arquidiocese de Florianópolis e também é uma entidade membro da Cáritas Brasileira. Ela foi criada em 17 de novembro de 1960 e, portanto, conta com 62 anos de existência. Ela atua prioritariamente nos 30 municípios que fazem parte do espaço geográfico da nossa arquidiocese. Possui certificado de entidade beneficente de assistência social. Também possui utilidade pública municipal, estadual e federal.

O que nos move, o que move o trabalho da nossa ação social arquidiocesana? Fermentar o mundo com a caridade, segundo o nosso arcebispo Dom Wilson Tadeu Jönck, é dever da igreja. Consciente deste dever, a ASA tem continuamente exercitado a prática do amor através de serviço aos mais necessitados e vulneráveis. Nós estamos instalados nesta arquidiocese que está dividida em duas regiões episcopais, uma no norte e a outra no sul do seu território. Fazem parte desse contexto, desse trabalho, 13 foranias, e nelas nós contamos com 74 paróquias. Nestas paróquias nós contamos com o trabalho de 630 comunidades eclesiais, 630 pequenas igrejas onde o trabalho social também é desenvolvido. Então, como eu falei anteriormente, a nossa estrutura está baseada em 74 paróquias. São 54 ações sociais, 36 entidades sociais, 961 colaboradores, 2357 voluntários. Qual é a estrutura da Caridade Social na arquidiocese? Ela é composta por oito pastorais sociais: Pastoral da população em situação de rua; Pastoral indigenista; Pastoral da pessoa idosa;

Pastoral da sobriedade; Pastoral carcerária; Pastoral do migrante; Pastoral da criança; e Pastoral da saúde. Essas pastorais junto com entidades sociais e movimentos e serviços atendeu no último ano 17.507 famílias, 11.430 crianças, 68 dependentes químicos, 366 idosos, 100 migrantes, 53 portadores de necessidades especiais, 379 pessoas em situação de rua e também damos assistência a 2.100 reclusos.

Em 2020, a igreja no Brasil lançou uma campanha chamada Tempo de Cuidar. Claro, com o advento da Covid-19 havia necessidade de um trabalho esmerado no sentido de superar a miséria, a fome que assolaria o nosso país. Então, a campanha foi lançada em 2020 pela CNBB com o objetivo de estimular a solidariedade por meio de doações. Na Arquidiocese de Florianópolis, a campanha foi acolhida pelo arcebispo Dom Wilson Tadeu Jönck, que a delegou a ASA para coordenar suas ações no âmbito arquidiocesano. Alguns números desta campanha de 2020 a 2022: foram distribuídas 80.840 cestas básicas; 203.173 unidades de lanches; roupas e calçados foram distribuídos 369.553 unidades ou pares; sem contar as cestas básicas, foram distribuídos 694.184 quilos de alimentos, recolhidos e distribuídos; 92.565 marmitas e 68.804 kits de higiene.

Eu queria tomar a liberdade de citar um exemplo bastante prático. Nós temos em São José a Casa de Apoio São José. Essa casa de apoio acolhe pessoas que vêm do interior do Estado para pequenas cirurgias eletivas no Hospital Regional São José, sobretudo ligada à oftalmologia. Nesta casa, no ano de 2022, nós acolhemos 22.140 pessoas e cedemos 6.647 pernoites. É um pequeno trabalho, mas que tem uma resposta bastante interessante.

A Campanha da Fraternidade que é o tema dessa sessão tem por princípio promover a coleta da solidariedade. Que é de fato algo de concreto, de material para que possamos depois com esse dinheiro trabalhar ou aplicar, sobretudo naquilo que são projetos sociais desenvolvidos por vários grupos da nossa arquidiocese. A arrecadação que é feita com a coleta tem destinação de 60% para a arquidiocese e 40% para o Fundo Nacional de Solidariedade. Todas as dioceses e arquidioceses do Brasil colaboram para um

fundo nacional e obviamente elas colaboram também para o seu próprio fundo. No nosso caso, esse fundo é orientado, cuidado por um grupo gestor, e esse grupo gestor analisa cada projeto, percebe aquilo que eles apresentam como necessidade e damos destinação ao recurso segundo critérios também evangélicos. Mas, sobretudo quando a entidade se propõe a produzir vida onde ela está instalada.

Em 2020 nós acolhemos sete projetos. Investimos R\$ 68.404,47. Em 2021 foram nove projetos apoiados. Investimos R\$ 111.644,57. Em 2022 foram 16 projetos apoiados e foi investido R\$ 252.266,11. Quando a gente fala que investiu, a igreja investiu, não é? Vocês, que colaboram com a coleta da solidariedade, investiram. E contrariando algumas vozes, eu queria dizer que a coleta da solidariedade é algo necessário e tem grande importância para superar dificuldades que são apresentadas pelos projetos sociais das nossas pastorais e movimentos. Então, um apelo que faço é que a gente possa, nas comunidades onde a gente vive e trabalha, divulgar a coleta. Motivar as pessoas para agora, domingo que vem, Domingo de Ramos, fazer uma oferta. Todo dinheiro reverterá em projetos sociais que vão modificar a vida de muitas pessoas. Acho que isso é bastante agradável e interessante. São pequenos gestos que transformam a vida de algumas pessoas. Ensinar alguém a tocar música, ensinar alguém a costurar. Ensinar alguém a cozinhar ou preparar na cozinha comunitária, é dinheiro destinado para essas coisas. Esse é o trabalho nosso.

A nossa atuação enquanto base social da Arquidiocese em Florianópolis está orientada pelos princípios basilares da doutrina social da igreja. E, portanto, as atividades por nós desenvolvidas expressam a solidariedade de milhares de mãos cujo trabalho em rede tem como referencial o amor vivido e anunciado por nosso Senhor Jesus Cristo. A fala que faço agora é retirada do texto base da Campanha da Fraternidade, eu trabalhei aqui algumas coisas, mas no todo, as ideias são do texto.

A Campanha da Fraternidade é um modo brasileiro de celebrar a Quaresma. Ela não esgota a Quaresma. Dá-lhe, porém, um tom, mostrando a partir de uma

situação bem específica o que o pecado pode fazer quando não o enfrentamos. Por isso, a cada ano recebemos um convite para viver a Quaresma à luz da Campanha da Fraternidade e viver a Campanha da Fraternidade em espírito de conversão pessoal, comunitário e social. Este ano o tema: Fraternidade e Fome, com este tema nós somos convidados a considerar a fome como referência para a nossa reflexão, o nosso propósito também de conversão. Temos sem dúvida fome de Deus, temos fome de paz, de fraternidade, de verdade, de concórdia e de tudo mais que efetivamente nos humaniza. Mas há também a fome de alimentos. Realidade que atinge muitas pessoas e famílias mundo afora. Cada ser humano que não encontra o necessário para se alimentar é em si um questionamento a respeito dos rumos que estamos dando a nós enquanto sociedade. A fome é um dos resultados mais cruéis da desigualdade. E também da falta de partilha. Somos todos convidados a enfrentar esta cruel e vergonhosa realidade. Nós, da Ação Social Arquidiocesana, nos comprometemos a continuar trabalhando diuturnamente para minimizar a fome de nossos irmãos e de nossas irmãs.

Antes de agradecer e me despedir, eu queria dizer a vocês que aqui atrás, na entrada do plenário, nós temos a Revista da Caridade Social da Arquidiocese. Aqui dentro estão os projetos sociais, os trabalhos realizados nas foranias e paróquias da nossa arquidiocese. É uma bela revista, é um belo documento e é também um modelo de orientação, quem sabe, de pesquisa para um trabalho futuro, mas também quer nos mobilizar para esse trabalho em rede, trabalho que é feito de mãos dadas. *[Transcrição: Milyane]*

Também temos o *folder*, que é a prestação de contas do fundo arquidiocesano de solidariedade do ano passado, aqui dentro estão todos os projetos atendidos, valores que foram cedidos a eles, então é também um modelo, uma maneira de prestar contas daquilo que a população catarinense nesta Arquidiocese de Florianópolis nos confiou.

Por fim, queria agradecer mais uma vez ao Deputado Padre Pedro por essa sessão, por esse tema tão caro que a Campanha da Fraternidade nos traz, Fraternidade e Fome. Agradecer também a presença de

cada um que veio aqui, das diversas paróquias, pastorais, movimentos e serviços, e desejar a todos vocês uma santa e feliz Páscoa, paz e bem.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Na sequência, nós convidamos para falar em nome dos homenageados desta noite o Presidente de Honra do Instituto Vilson Groh. Passo a palavra ao reverendo senhor Padre Vilson Groh para fazer a sua manifestação.

O REVERENDÍSSIMO SENHOR PADRE VILSON GROH - Boa noite a todos e a todas aqui presentes, agradecendo ao Padre Pedro que abriu e propôs essa sessão; queria fazer referência a algumas pessoas que ao longo desse processo da luta vêm trazendo perspectiva. Já somos velhos nessa questão da luta pela fome, a Neila, que está aqui, a gente se conhece há 40 anos nessa briga da fome; o Munarim, que traz essa dimensão profunda dentro da sua vida, e Vilson Santin, que já teve que sair, são pessoas que há 40 anos a gente se encontra nessa perspectiva.

E dentro disso o EdSoul, que diz que ele é um dos que nós ajudamos a abrir espaço para que ele pudesse ter perspectiva de vida e que é fruto da luta dos projetos. Por isso, quero dedicar nessa noite a todas as mulheres, a todas as mães das periferias do nosso país, porque são elas que sabem que a fome não espera. A mãe chega em casa e ela sabe que o filho necessita comer, e ela sabe que quando não há comida na mesa não há paz, e essa relação na prática do dia a dia é uma relação muito profunda, porque a fome tem nome, a fome tem lugar, a fome tem rosto, a fome tem sexo, a fome tem etnia, a fome tem cor.

Olhar esse país diante da reflexão feita pelo Padre Pedro, feita por Marquito, feita pelo outro deputado, e o Padre Pedro explicitou muito bem em entender que a fome não é uma questão acidental. A fome é fruto de uma estrutura histórica neste país, onde nós devemos adentrar para pensar e compreender o que produz a fome. E de que forma a fome produzida nas suas estruturas.

Papa Francisco diz que não há democracia com fome. Não há justiça social com desigualdade, não há possibilidade se essas estruturas não são estruturas

que fazem parte do nosso processo reflexivo. Pensar a campanha, pensar aos homenageados e homenageadas que estão aqui nessa noite. E pensar, hoje à tarde pensava Padre Pedro, por que a gente tem que fazer homenagem para quem luta contra a fome? Quando talvez a fome tem de ser uma dimensão inerente a quem é cristão.

Se a gente olha quem descortinou a questão da fome nesse país foi Betinho lá atrás, quando a gente começou a desencadear a ação da cidadania contra a fome e a miséria, pela vida. Nós temos depois a terceira vez que a CNBB traz essa dimensão. Penso que essa noite não pode ser uma noite que passa por uma homenagem, não pode ser uma noite que passa por uma reflexão. Tem que ser uma noite em que a gente tem a se sair daqui e dizer: qual é a minha atitude frente a realidade da fome, o que farei? Como arregaço as mangas? E de que forma quero combater essa questão e de não naturalizar essa injustiça social tão profunda que está aí, na prática do nosso país. Padre Pedro fez um discurso que talvez tenhamos que levar para as nossas casas, no sentido de profunda reflexão para a gente não ficar sobre o assistencialismo, nem sobre o paternalismo.

A fome é produzida por estruturas injustas, a fome é produzida por uma questão histórica nesse país, e essa questão histórica e essas estruturas são as estruturas que nós devemos olhar na perspectiva de produzir ações de saída, e nas ações de saída, no nosso encontro em Assis, o Papa Francisco levantava três palavras chaves no final do seu discurso, quando ele dizia: não a uma economia que mata, não a uma economia que torna as pessoas sobrando, não a uma economia que torna as pessoas mercadoria de um sistema que avilta na prática do dia a dia a dignidade da vida.

E o papa dizia, uma economia só pode surgir a partir de um empenho e de um comprometimento profundo nosso com os empobrecidos do mundo. E olhar os empobrecidos do mundo e os empobrecidos dos contextos, e entender que quando a gente fala empobrecidos é um sistema que empobrece. Não é uma questão acidental. É um sistema que chamamos sistema capitalista que tem mecanismos que produzem essa

realidade da fome. E olhar a partir do prisma dos empobrecidos, ele dizia, é o único caminho para entender a construção de uma outra economia possível. No pacto global que Papa Francisco faz, ele diz é necessário trazer a economia da coparticipação, a economia da cooperação, a economia da partilha, economia que rompe com a lógica da manipulação, da idolatria e a lógica do ajuntar cada vez mais e acumular cada vez mais.

A segunda palavra que o Papa Francisco trazia, uma nova economia não surge com assistencialismo, não surge com ações baratas no sentido da construção. Surge se nós somos capazes de construir uma economia que gera trabalho. E penso que aqui, Padre Pedro e todos nós, está a chave da questão para esse país, pensar uma economia que gera trabalho. Porque é o trabalho que traz comida para dentro de casa, e pensar isso é pensar como é que a gente reestrutura um país para que se tenha uma perspectiva de trabalho aos milhões e milhões de desempregados, e aos milhões e milhões que vivem na insegurança alimentar, gerar trabalho é gerar um país que tem de crescer. Mas tem de crescer, não na visão da ditadura, que dizia crescer o bolo e depois repartir o bolo. É necessário construir um país onde o trabalho seja gerado imediatamente para uma perspectiva de que quem possa trabalhar e trazer comida para dentro de casa.

E Papa Francisco dizia, não podemos trabalhar com a juventude e fazer um trabalho com a juventude de uma forma escrava, explorada, mal paga. Ele dizia, a juventude tem que ser paga com dignidade para poder gerar perspectiva. E aí ele fazia uma chamada às universidades do mundo, principalmente as universidades de economia. E dizia necessário é que as universidades de economia se voltem não para uma relação do mercado, não para uma relação financeira, não para uma relação em que a especulação financeira não gera trabalho, mas gera mais especulação, e dizia, é necessário que a universidade se coloque nessa dimensão de um exercício de pesquisa, e a sua pesquisa na relação com extensão e na relação com o estudo produza economia, a partir daqueles e daquelas que têm pequenas saídas, e como se articula essas pequenas saídas, com uma perspectiva a longo prazo.

E a terceira palavra que ele trazia para todos nós, que foram palavras que eu gravei e que me ajudam na prática do dia a dia, ele falava da encarnação. Ele dizia que nos tempos de São Francisco de Assis e a revolução de São Francisco foi porque Francisco teve a coragem de sair da sua forma cômoda. Francisco teve coragem de sair da onde estava e Francisco assumiu o lugar, a pele e a vida, e gerou trabalho, gerou vida, gerou obra. Creio que os homenageados e homenageadas, tantos e tantas de vocês, e nós que estamos junto, e o que foi dito em relação já a nossa ação arquidiocesana, é necessário gerar obras, é necessário encarnar a palavra. E naquele livrinho que Dom Luciano escreveu lá atrás, que devemos recuperar continuamente, em que ele fala de ação evangélica contra a fome e a miséria, ele resgata a patrística. Ele diz, se as nossas celebrações, assim dizem os santos padres. Se as nossas celebrações eucarísticas não abrirem espaço para estender a mesa para quem não come, deveremos nos perguntar se essas celebrações não são puros ritos vazios, ritos lindos, bonitos, enfeitados, mas que não distribui o pão a quem está do nosso lado e que necessita comer. A eucaristia.

É necessário de novo abrir essa relação com a questão do comprometimento. Por isso Jesus nos convida e diz: dai-lhes vós mesmos de comer. Essa missão está nas nossas mãos, e se ela está nas nossas mãos, a corresponsabilidade de entrar nesse processo é nossa. Faço votos que essa noite nos ajude de novo na continuidade desse processo de reflexão, porque o nosso julgamento, no dia que voltaremos para a casa do pai, serão os pobres que nos julgarão, porque são eles e Jesus que nos perguntará: tive fome e me destes de comer, sede e me deste de beber, peregrino e me acolheste, nu e me vestistes, tudo que fizeres ao menor de meus irmãos a mim o farei.

Penso que assumir essa campanha da fraternidade não é pouca coisa, ela faz com que a nossa vida de novo possa voltar a essa realidade. E lembrar sempre, onde estão os nossos pés, pensa a nossa cabeça e agem as nossas mãos. Assim foi a vida de Jesus. Jesus era um homem dentro dessa realidade, empossado, a sua pele era a pele. O texto bíblico diz que quando Jesus

via pessoas que passavam fome, suas tripas se removiam no seu ventre, porque ele era uma dimensão de compaixão que levava para a ação. [Transcrição: Guilherme]

E que possamos de novo resgatar essa profunda relação. E trabalhar rápido, e finalizar em três níveis. O nível pessoal: O que podemos fazer? Como pessoa, como cristão, como não cristão? Como um trabalho de construção de redes, que é fundamental para este combate. Segundo, eu diria, a nível de município: é necessário resgatar os comitês de segurança alimentar e criar os comitês de segurança alimentar para construir políticas públicas de intervenção na prática do cotidiano e na gestão. Eu sempre, ainda já falei esses tempos para o prefeito. Se nós não levarmos em consideração os empobrecidos de uma cidade, os que passam fome numa cidade, os que não tem teto, os que não tem terra e os que não tem trabalho, deveremos nos perguntar se aquela gestão é digna. A gestão parte naquilo que dizia a Sônia Bueno, muito forte e lutadora, aqui entre nós, que é a questão do SUAS, não desmantelarmos o SUAS, porque ele é a grande perspectiva dos anos 88. E aí pensar nos comitês e construção desses comitês novamente, de soberania alimentar para relacionar cumplicidade na prática do dia a dia, para construir a dignidade a cada ser humano é fundamental.

Creio que aqui a gente tem enormes experiências por aí afora de possibilidades, desde as cozinhas comunitárias, como disse Marquito, e tantas outras questões. Segundo, eu diria sobre a questão de construir em nível estadual, Padre Pedro, e aí disse o Marquito, que é o Fórum de Segurança Alimentar, e pensar este Estado, porque é nele que nós temos 382 mil pessoas à deriva da miséria. Oitocentas mil pessoas em insegurança alimentar e um déficit habitacional de 200 mil habitações. Não é possível que num Estado como o nosso não se debruce a pensar uma política de segurança alimentar. E em nível nacional, nós temos que empenhar, sim, um plano de luta e de combate à fome, que é a questão da segurança nacional. E aí trabalhar de forma articulada, creio que é o momento de romper com o processo dessa dimensão dicotômica do sectarismo. Nós

e eles, eles e nós. É necessário criarmos um profundo pacto na Federação, pacto no Estado e pacto no Município.

Termino com uma pequena experiência da dona Maroca, do Monte Cristo. Ela ganhava cesta básica. E nós trabalhamos tantíssimas cestas básicas durante esse período da pandemia. Depois ela fez um curso, fazendo laços de cabelo, para dizer que a sua menina era menina e não menino, porque tinha uma doença. Hoje essa senhora conseguiu criar *facebook*, *instagram*, por aí afora. E ela diz, não preciso de cesta básica porque criei um pequeno espaço de trabalho com minha filha e sobrevivo disso com muita dignidade.

Creio que temos lindíssimas experiências, desde o Vianeí, e tantas outras, na prática desse processo. Não... moeda social, microcrédito. Creio que temos que fazer investimento cada vez mais, de que nas periferias a gente consiga realmente trabalhar uma perspectiva de saída e de rompimento com as estruturas injustas. Entender a campanha da fraternidade nessa perspectiva. Entender o imperativo de Jesus que diz: dai-lhes vós mesmos de comer, sem dúvida requer de nós, além do trabalho, refletir, pensar, buscar, estruturar formas e perspectiva. Isso é possível, basta ver nesta noite os homenageados, basta ver nesta noite todos os presentes aqui. E creio que é possível sim, pensarmos Dom Wilson, com quem conversamos muito sobre essas questões de levar à frente uma perspectiva.

Quero agradecer cada um, cada uma, quero agradecer aos homenageados, quero dizer que o compromisso com a dimensão da fome não para, porque ele nos leva até o final da vida. E até o final da vida é dizer aquilo que disse Jesus: tudo que fizeres ao menor é a mim que fazeis. Nós não podemos pendurar chuteiras em nenhum momento da vida. A nossa batalha, enquanto alguém passa fome na humanidade, continua a luta, porque assim nos ensinou o nosso Mestre, que depois foi pregado na cruz, porque exatamente ele fazia denúncias e exatamente ele gerava vida. E fazer isso de novo é não ter medo. E recupero aqui uma das grandes pessoas, que é um grande santo, mártir entre nós, que nos reaviva dia a dia a fazer esse processo.

A irmã Dulce, que foi uma grande peregrina, e dom Oscar Romero, que foi aquele que morreu pela vida gerando justiça. E ele dizia: uma eucaristia que não gera justiça, celebrações eucarísticas durante o domingo, que depois não gera justiça social durante a semana, sempre devemos nos perguntar como vivemos essa eucaristia que vai até aqueles que não comem. Assim nos ensinou, assim queremos levar à frente e assim queremos que esta campanha da fraternidade realmente nos ajude neste caminho.

Muitíssimo obrigado pelas homenagens, muito obrigado Padre Pedro e sigamos.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Feita a manifestação ao nosso presidente de honra do Instituto Vilson Groh, o Reverendo Padre Vilson Groh.

Convidamos e concedemos a palavra ao reverendíssimo senhor arcebispo de Florianópolis, Dom Wilson Tadeu Jönck para fazer a sua manifestação, para ilustrar este momento tão especial desta sessão especial realizada aqui na Assembleia Legislativa.

O REVERENDÍSSIMO SENHOR ARCEBISPO DE FLORIANÓPOLIS DOM WILSON TADEU JÖNCK - Boa-noite a todos! Quero saudar o Padre Pedro e desde já agradecer por esta sessão, pela proponência e pela condução desta sessão. Quero saudar a todos os membros da Mesa. Quero saudar e acolher de modo particular os representantes das obras sociais, são algumas das que vão se movimentando e atuando pelas nossas comunidades. E isso tem uma importância muito grande. Acabamos de ouvir o padre Vilson, que dedica uma vida toda a essa causa e vai ganhando autoridade, a sua voz vai também ficando sempre mais firme e forte com obras realizadas, e também com a compreensão de toda a dinâmica deste mundo a construir. Nós agradecemos pelo seu trabalho, pelo seu entusiasmo. E gostaria também desde já agradecer, na Arquidiocese de Florianópolis, a todos os que se empenham nas mais variadas ações sociais e que vão sempre desembocar numa vida melhor, numa preocupação com o alimento para que todos tenham aquilo que é mais importante para uma vida de dignidade.

Muitas coisas já foram faladas e não gostaria de repeti-las, mas diria uma das coisas que é importante. Esse tema da Campanha da Fraternidade durante a Quaresma, ele tem um sentido e um significado muito profundo. É uma obra social, concreta que atinge a vida, certos setores, certas realidades da sociedade. Mas o motivo pelo qual fazemos, ele é evangélico. Do evangelho nós bebemos a razão de nos empenhar pela vida concreta, pela igualdade, pela dignidade das pessoas. E falando da forma, eu gostaria de colocar as três citações bíblicas que nos lembram a fome e que podemos encontrá-las também no nosso texto base.

Primeiro é Mateus 25, bem conhecido: "estive com fome e me destes de comer." Essa é a razão porque nós temos esta preocupação, porque Cristo teve esta preocupação com os que estavam com fome. A outra é o lema da campanha da fraternidade: "Dai-lhes vós mesmos de comer", e que nos convida a nos empenharmos, não sabemos bem como fazer, como os apóstolos também não souberam. Uma multidão, com cinco pães e dois peixes, dai-lhes vós mesmos e comer. Nos sentimos vezes assim, diante do tanto que tem para fazer, mas vamos com as nossas possibilidades, e é assim que vamos transformando também a realidade da vida de tantas pessoas.

E a terceira situação é das tentações de Jesus Mateus IV: "não só de pão vive homem". A fome de pão essa é uma necessidade fundamental, sem pão, sem comida não vivemos. Mas o ser humano tem necessidade de tantos outros alimentos, de dignidade, de acolhida, de consideração, de saber-se igual a todas as pessoas do seu ambiente, penso que isso seja importante. Gostaria, rapidamente, de acentuar duas coisas. Foi falado várias vezes que alimento existe. Também partilho essa crença. Existe alimento para todos. Por que nem todos têm o que comer? Há uma dificuldade na distribuição desse alimento, de fazer chegar esse alimento, e aqui devemos trabalhar profundamente, porque é uma questão de mentalidade. Aquela mentalidade que nós temos e que aceitamos tão naturalmente, de que eu devo me garantir, eu devo produzir alimento para mim e para minha família e o resto não é comigo. Deve ser revisto. Deve ser

revisto. Há pessoas para além da nossa família que também devemos cuidar.

E a questão da alimentação, de fazer chegar a todos, eu penso que seja importante, as políticas públicas, como foram colocadas aqui, são fundamentais. Mas colocaria um outro aspecto. Eu vi aqui, vocês que foram homenageados, homenageadas, cada obra dessas teve uma percepção. Cada obra dessas que empenhou a você e mais um grupo, uma percepção de que algo deveria ser feito para corrigir alguma coisa, para melhorar alguma coisa. *[Transcrição: Taquígrafa Rubia]*

Estas percepções talvez precisássemos colocar mais em comum. Não importa se é dentro da igreja, fora da igreja, é para produzir alimento, fazer com que o alimento chegue a todos, vamos colocar em comum nos ajudando. Eu tenho a impressão de que vamos conseguir resultados maiores do que os que estão sendo produzidos até agora. Talvez a gente fique muito na nossa entidade, e se nós partilharmos e conversarmos, acho que conseguiremos resultados melhores naquilo que são os nossos propósitos.

Quanto a questão da mentalidade, o Padre Vilson colocou muito rapidamente, achei até que ele fosse aprofundar um pouco mais. Existem três iniciativas no setor da economia que vale a pena a gente aprofundar, conhecer e quem sabe até propagar. No texto base vocês vão encontrar lá pela página 55 e seguintes, e essas três iniciativas, uma é a economia de Francisco e Clara, Padre Vilson esteve em Assis exatamente para participar desta reunião com o Papa Francisco e onde ele procura motivar, sobretudo os jovens, para criar um novo modo de pensar, um novo modo de repartir e fazer distribuir esse alimento que existe, porque ele só acontecerá quando mudar dentro de nós. É um tipo de economia que não se baseia no lucro, no acumular, mas exatamente fazer com que o alimento chegue a todos. Uma outra iniciativa é a economia de comunhão, mais ligada aos focolarinos, e que está sendo desenvolvida e começa a se fazer presente em muitos lugares pelo mundo todo, e também nos ensina exatamente alguma coisa que vai nesse sentido de distribuir alimento para todos. E o último, é economia solidária, são iniciativas que nos fazem

pensar diferente daquilo onde nós nascemos e fomos educados, e penso que seja importante, temos que sair da onde nós estamos. É necessário buscar outros caminhos e devemos buscá-los juntos. É fundamental que nós consigamos fazer isso.

Falando dos alimentos, essa realidade do nosso tempo que é a indiferença. A atitude dos apóstolos diante da multidão, mande para casa que eles se virem. Foi criado uma indiferença com a situação do outro, com a situação daquele que passa fome. Nós não estamos preocupados, muitas vezes até damos uma esmola, damos alguma coisa, mas há algo continuado aqui, e é isso que deve ser atacado. Inicialmente é um assistencialismo, porque quem tem fome deve ser atendido imediatamente. Precisa destas ações. Mas não podemos parar somente nisso. Por isso as ações para prover de alimento não podem ser apenas um mutirão ou alguma coisa muito pontual, mas algo que de fato estabeleça uma estrutura. E que com essa sessão, com reflexões como essa, sentar para refletir, nós possamos descobrir esses caminhos de mudar essa realidade que de fato é vergonhosa, é vexatória e que deve ser mudada e que está em nossas mãos. Nós devemos dar a eles o que comer. É importante que façamos isso.

Para concluir, gostaria de colocar aqui três pensamentos. Primeiro, nós temos responsabilidade sobre a forma como o mundo se constrói, esse mundo que está aí tem um pouco de nós também. Tirar e dar uma outra figura, um outro encaminhamento também é compromisso nosso. E dois pensamentos que eu gostaria de colocar para concluir. Um vem dos Santos Padres de São João Crisóstomo. Ele diz "Assinalo o compromisso que vem da eucaristia". Ele diz. "Queres honrar o corpo de Cristo? Não desprezes os seus membros. Isto é, os pobres que não têm o que comer e vestir." E o outro pensamento é de Bento XVI. "Não posso ter Cristo só para mim. Posso pertencer-lhe somente unido a todos. A todos aqueles que se tornaram ou hão de tornar-se seus."

Eu agradeço mais uma vez a proposição desta sessão, também agradeço a presença de todos vocês e muito mais todo o trabalho, todo o empenho de todos vocês por esta causa de livrar muita gente da fome.

Muito boa noite. Obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Feita a manifestação do o nosso querido reverentíssimo arcebispo de Florianópolis Dom Wilson Tadeu Jönck. E antes do fechamento desta nossa sessão especial, eu convido para recitar um pequeno poema relacionado à temática que nós estamos refletindo nesta noite, a excelentíssima senhora Secretária da Assistência Social do município de Florianópolis, Edenice Fraga.

A SRA. EDENICE FRAGA (Secretária da Assistência Social do Município de Florianópolis) - Inicialmente, gostaria de cumprimentar a todos em nome do nosso Prefeito da capital, Topázio Neto, as autoridades através do nosso proponente desse trabalho que está sendo realizado na noite de hoje, Padre Pedro, e a todos que aqui estão.

Gostaria de dizer que cabe a todos nós que aqui estamos desenvolvermos com essa temática de maneira que nos coloquemos no lugar do outro, enquanto gestores, enquanto indivíduos que somos, e nesse caso o nosso grande desafio é saber ler olhares. É nos colocar no lugar daquele que está do nosso lado e muitas vezes nós o tornamos invisível. Então, nesse sentido eu quero deixar uma reflexão, através de uma poesia, até porque estou como secretária do município, mas sou escritora, sou poetisa e tenho um poema chamado: Olhar tem voz. E com esse poema eu espero deixar a reflexão para essa noite, para que nós exercitemos o nosso olhar em relação àquele que está ao nosso lado.

"Olhar tem a voz do peito, que grita na face de um jeito, que olhos passam a ter lábios.

Foi olhando que Jesus falou a Pedro, quando esse o negou, diante dos sábios dos sábios.

Quisera no olhar emudecido, veres na Páscoa real sentido, da plena passagem de Jesus, que cumpriu as escrituras, com amor às criaturas, até no calvário da cruz.

Quisera nesta pós-pandemia, do isolamento e da agonia, de não abraçares os teus, que ouças o olhar calado, de quem está ao teu lado, sem ter o que dar aos seus."

Então, que exercitemos o olhar. Muito obrigada e um fraterno abraço. E sigamos sempre olhando para quem está ao nosso lado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Obrigado Edenice Fraga, obrigado Fabiana Cardozo, obrigado Dom Wilson Tadeu Jönck, obrigado ao Padre Vilson Groh e obrigado ao Marquito, meu colega parlamentar, obrigado a cada um e a cada uma, padres, agentes de pastoral, seminaristas, coordenadores de pastoral, enfim a cada um e a cada uma de vocês, aos homenageados, homenageadas, as entidades, a todos, a todas que aqui se fizeram presentes e participaram desse momento especial.

Esta Presidência antes de encerrar a presente sessão convoca outra para o dia de amanhã, no horário regimental, e convida a todos para que nos coloquemos em posição de sentido e possamos acompanhar o Hino de Santa Catarina.

(Procede-se à execução do Hino.) *[Transcrição: Cinthia]*

Está encerrada a sessão. *(Ata sem revisão dos oradores.)*

[Revisão: Taquígrafa Sara]